

# Feminina ou Feminista: Estratégias de Mobilização Política nos Partidos PL e PSOL

## *Feminine or Feminist: Political Mobilization Strategies in Brazilian Political Parties PL and PSOL*

Fernanda Bouzan Cardoso<sup>a</sup>, Ayanne Caroline de Almeida Alves<sup>b</sup>,  
Carolina Althaller Maia de Oliveira<sup>c</sup>

**Resumo** No Brasil, observa-se um cenário desigual quando se trata da ocupação de cargos eletivos por mulheres na política. Apesar da maioria feminina no eleitorado, constata-se a reduzida presença de mulheres nos espaços de poder. Contudo, essa parcela do público vem ganhando maior espaço e mobilizando iniciativas dedicadas a mudar essa conjuntura. O presente trabalho analisa as ações voltadas para mulheres de dois partidos com forte presença digital: o Partido Liberal (PL) e Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), abordando nomes relevantes dentro deles como Michelle Bolsonaro e Erika Hilton. O objetivo é investigar as estratégias de mobilização política de mulheres, bem como o antagonismo que se coloca por meio da disputa narrativa em torno do feminismo e antifeminismo.

**Palavras-chave** Feminismo. Antifeminismo. Disputa narrativa. Estratégias de enfrentamento.

**Abstract** *In Brazil, there is a noticeable inequality regarding the representation of women in elected positions in politics. Despite constituting the majority of the electorate, studies indicate the limited presence of women in positions of power. However, this demographic is increasingly gaining ground and driving a variety of initiatives aimed at altering this scenario. This study examines the actions targeting women within two political parties with a strong digital presence, the Liberal Party (Women's Division) and the Socialism and Liberty Party (PSOL), also addressing prominent figures within them such as Michelle Bolsonaro e Erika Hilton. The aim was to investigate the political mobilization strategies of women, as well as the antagonism manifested through the narrative dispute surrounding feminism and anti-feminism.*

**Keywords** *Feminism. Antifeminism. Narrative dispute. Coping strategies.*

---

a Analista de Social Listening na Quid. E-mail: [fernandabouzanc@gmail.com](mailto:fernandabouzanc@gmail.com)

b Coordenadora de Social Analytics na Quid. E-mail: [ayanne.al@gmail.com](mailto:ayanne.al@gmail.com)

c Instituto de Estudos Sociais e Políticos - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ).  
Diretora Executiva no Instituto Update. E-mail: [carol.althaller@gmail.com](mailto:carol.althaller@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Desde 2020, o Instituto Update<sup>1</sup>, organização social que estuda e fomenta práticas políticas inovadoras, em parceria com as pesquisadoras Esther Solano e Camila Rocha, investiga as visões de mulheres conservadoras sobre feminismo e gênero, usando métodos qualitativos e quantitativos.

Para embasar tais achados, as pesquisadoras exploraram como o feminismo, o empoderamento e o conservadorismo se interligam no contexto do bolsonarismo, destacando que mulheres conservadoras veem a família, religião e feminismo como categorias compatíveis. Além disso, também analisam a ascensão do movimento feminista durante o governo Lula I (2003 - 2006) e a reação conservadora desde 2011, que ampliou a visibilidade de políticos de direita. Os resultados deram origem ao livro *Feminismo em Disputa* (2022) e a metodologias de escuta digital sobre estratégias de mulheres políticas progressistas e conservadoras, desenvolvidas em parceria com a Quid<sup>2</sup>, laboratório de comunicação e mobilização para causas.

Partindo de tais pesquisas e dos projetos desenvolvidos no âmbito das organizações às quais estamos filiadas, tratamos neste artigo das ações voltadas para mulheres de dois partidos, Partido Liberal (PL) e Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), que apresentam forte atuação digital. A perspectiva teórico-metodológica adotada para a análise é interdisciplinar, com foco na observação não participante<sup>3</sup> em redes sociais, mesclando técnicas que perpassam a Antropologia e a Comunicação.

A revisão de literatura de Bernardes, Fontes e Sarmiento (2023) sobre a representação de mulheres na política brasileira afirma que o tema mobiliza diferentes intelectuais feministas há décadas. Segundo as autoras, existe um diagnóstico de que a baixa ocupação de posições eletivas é fruto de uma série de problemas, como entraves na seleção de candidaturas e financiamento reduzido para as campanhas.

Porém, há alguns sinais perceptíveis de mudanças. Por exemplo, as eleições de 2022 registraram um número recorde de candidaturas femininas. De acordo com dados do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), 9.397 mulheres se registraram para a disputa<sup>4</sup>. O número representa um aumento (2,17%) em relação às 9.197 candidaturas registradas em 2018.

---

1 <https://www.institutoupdate.org.br>. (Acesso em: 27/06/2024)

2 <https://www.quid.id/> (Acesso em: 27/06/2024)

3 As redes sociais têm se mostrado ferramentas importantes de mobilização e discussão política. Diversos pesquisadores têm optado pela observação não participante para conduzir investigações em espaços digitais. Ver, por exemplo, trabalho de Isabel Roque (2023) sobre o ativismo de trabalhadores de plataforma.

4 <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/17/partidos-de-esquerda-e-centro-esquerda-lideram-representatividade-feminina.htm> (Acesso em: 12/02/2024).

Nos últimos anos, as iniciativas de apoio a indivíduos que aspiram tornar-se líderes políticos intensificaram-se, como fruto da necessidade de renovação política, a partir de uma perspectiva mais diversa e representativa da sociedade. Tais empreendimentos apresentam algumas variáveis em relação ao nível de institucionalização, recursos, ideologia e serviços oferecidos (Gatto; Thomé, 2024).

Contudo, cabe destacar que os processos de transformação das democracias acontecem no mesmo contexto em que as disputas em torno do gênero ganham novos padrões (Biroli; Vaggione; Machado, 2020). A difusão das agendas conservadoras relacionadas ao gênero é uma característica em comum em países nos quais as lideranças da direita radical conservadora e da extrema direita estão em ascensão (Mudde apud Solano, 2023).

No Brasil, a partir da eleição de Jair Bolsonaro, intensificou-se a moralização do debate público, impulsionando a rejeição à pauta feminista e ocasionando retrocessos não só nas pautas de garantia de direitos, mas também na esfera simbólica, o que levou ao esvaziamento de enunciados e inversões de conceitos como estratégia política. Dentro dessa disputa que acontece no campo narrativo, gênero se traduz em um campo de batalha: do lado progressista, ele é mobilizado para sustentar propostas de inclusão e igualdade, enquanto o conservadorismo defende a participação feminina na política, mas adota estratégias para reforçar o *status quo*.

Entre as iniciativas de recrutamento e apoio às candidaturas de mulheres por partidos e movimentos políticos de extrema direita, é possível citar esforços de comunicação e mobilização digital. Há um esforço dedicado a fazer com que o debate público seja permeado por pautas antigênero, buscando o reenquadramento da feminilidade, do papel das mulheres na nação ou das discussões sobre o direito das mulheres “de verdade” (Miller-Idriss; Pilkington, 2019). Assim, verifica-se a apropriação de algumas agendas de defesa das mulheres, a partir de uma visão conservadora, tornando-as mais atraentes e palatáveis ao eleitorado feminino, de acordo com Solano, Rocha e Sendretti (2023).

Para o propósito deste artigo, analisamos dois partidos com forte presença digital e ressonância do debate público: Partido Liberal e Partido Socialismo e Liberdade. O objetivo é investigar algumas dessas estratégias, analisando dois casos considerados emblemáticos no cenário brasileiro: do lado conservador, as iniciativas do Partido Liberal voltadas para mulheres, por exemplo, o setorial presidido por Michelle Bolsonaro; e do campo progressista, as ações do PSOL direcionadas à formação e ao recrutamento dessa parcela do eleitorado.

A escolha dessas legendas se justifica pela forte atuação delas nas redes sociais e pela presença de nomes de destaque no debate sobre feminismo, como Erika Hilton (PSOL-SP) e Ana Campagnolo (PL-SC). Partimos do levantamento de 20 perfis progressistas e 20 perfis conservadores, de mulheres, com maior audiência e com alguma relação com a política institucional, através da plataforma Comscore. Como metodologia, o trabalho analisa as declarações de representantes progressistas e conservadoras presentes em publicações nas redes sociais ou em discursos realizados durante eventos partidários. Busca-se examinar as estratégias narrativas, os formatos de conteúdo, o envolvimento da audiência, entre outros aspectos. Com isso, espera-se contribuir para a discussão teórica mais ampla sobre feminismos, antifeminismos e atuação política de grupos conservadores e progressistas no Brasil.

Apesar das muitas diferenças relacionadas à renda, raça ou cor, à religião e à região do país no que diz respeito às mulheres público-alvo de tais discursos, foi possível notar que há conceitos comuns entre elas. O que distingue as mulheres que se identificam como conservadoras das demais, segundo Esther Solano e Camila Rocha, no livro *Feminismo em Disputa* (2022), é a importância que as primeiras conferem ao papel desempenhado pela mulher na família e na harmonia do lar, o que as conecta com figuras como Michele Bolsonaro; porém, conscientes dos problemas da mulher na sociedade, procuram formas de se entenderem como mulheres empoderadas, de modo que estas categorias, para elas, são compatíveis com o conservadorismo (Pedreira, 2022).

Nesse sentido, os usos dos termos pelas figuras conservadoras apresentam diferenças em relação às definições mobilizadas pelas progressistas. Representantes políticas associadas à esquerda costumam usar as categorias “gênero” e “mulher” com base na recusa a um determinismo biológico<sup>5</sup> e às desigualdades estruturais em relação aos homens, inspiradas pelo feminismo<sup>6</sup> e com ênfase na diversidade.

Dessa maneira, o campo progressista ao falar de mulheres, mira um público-alvo mais diverso, buscando dialogar com mulheres que se identificam com o feminismo e com uma visão interseccional. Já as conservadoras se direcionam

---

5 Essa recusa ao determinismo biológico é um dos usos da categoria de gênero comentado por Scott (1991), na época, referindo-se ao discurso de feministas americanas, que insistiam no caráter social das diferenças entre os sexos.

6 É comum encontrar publicações com citações a grandes nomes do feminismo, como Angela Davis. Um exemplo, está disponível em: <https://www.instagram.com/p/CzJoWr1ugXP/>. (Acesso em: 27/06/2024)

para um diálogo com mulheres que não se enxergam nas narrativas feministas, reforçando papéis tradicionais da mulher, como o orgulho de ser mãe<sup>7</sup>.

PL Mulher: uma “mulher que faz acontecer” é feminina, não feminista

O PL Mulher é uma ala do Partido Liberal (PL) que promove a participação das mulheres na política, trazendo a frase “mulher que faz acontecer” como lema. Suas principais agendas, como igualdade de gênero e defesa dos direitos das mulheres, são inclusive semelhantes às de outros partidos.

O que deve se considerar é que os elementos apontados acima, dentro da extrema direita, são trabalhados a partir da apropriação da noção de empoderamento feminino, com uma nova roupagem conservadora. Sendo assim, “as mulheres são bem-vindas, mas o gênero não” (Solano; Rocha; Sendretti, 2023, p. 3). Por isso, reformulam a retórica antifeminista para dialogar com conservadoras que querem o reconhecimento do protagonismo feminino. A narrativa distingue feminilidade do feminismo, retratando feministas como radicais, que não representam mães e esposas. Ainda sob o olhar das autoras, fica evidente a dicotomia utilizada pela extrema direita dentro dessa narrativa:

[...] uma mulher imoral ou valorosa. Uma mulher obscena e sem propósito ou uma mulher com uma missão divina. Uma mulher autoritária que odeia homens ou uma mulher que os ama e se submete a esse amor. Ser uma mulher empoderada pela objetificação do próprio corpo ou ser uma mulher empoderada pelo poder de Deus (Solano; Rocha; Sendretti, 2023, p. 13).

Passando por essa breve contextualização, é possível identificar estratégias de comunicação para o antifeminismo utilizadas pela ala feminina do Partido Liberal (PL) para conseguir alavancar a narrativa do que chamam de “verdadeiro empoderamento”.

A principal estratégia vem se consolidando desde o início de 2013: a escolha de uma figura forte para representar a ala feminina do partido. A nomeação de Michelle Bolsonaro como presidente do PL Mulher é importante pela sua relevância dentro e fora das redes virtuais, sendo conhecida por ser ex-primeira-dama.

---

<sup>7</sup> Ana Campagnolo, por exemplo, participou do especial de Dia das Mães da produtora Brasil Paralelo, lançado no dia 11 de maio de 2024. O conteúdo trouxe falas da deputada e de diversas outras mulheres conservadoras, que enfatizaram valores cristãos e tradicionais. Mas, também, incluiu entrevistas com mães “comuns”, sem notoriedade ou vínculo político, trazendo perfis mais diversos do ponto de vista racial e socioeconômico. O público-alvo desses discursos conservadores ainda requer uma análise mais aprofundada.

Fazendo um comparativo com os 20 nomes de figuras políticas conservadoras acompanhadas pelo nosso monitoramento<sup>8</sup>, é possível observar que, no último ano<sup>9</sup>, Michelle teve a maior média de engajamento entre 20 figuras políticas conservadoras, com 66 mil<sup>10</sup> por postagem, e alcançou o segundo lugar em audiência no Instagram, atrás apenas de Carla Zambelli. Sua presença digital cresceu 10.6%, ganhando cerca de 633 mil seguidores, especialmente após assumir a presidência do PL Mulher.

Até 2022, Michelle Bolsonaro era associada à imagem de Bolsonaro e às ações de seu governo. Em 2023, fortaleceu sua marca pessoal ao se tornar Presidente do PL Mulher, evidenciando sua liderança independente de ser esposa de Bolsonaro. A partir daí, suas publicações concentram-se em suas atividades como presidente da ala feminina do partido, destacando especialmente sua defesa dos direitos das pessoas com deficiência. Michelle Bolsonaro também expandiu sua presença nas redes sociais além da política institucional ao lançar uma linha de cosméticos, perfumes e sapatos, explorando outras afinidades com seu público.

A apropriação do discurso de valores democráticos pelas conservadoras vem crescendo e é comumente associada a questões que despertam o pânico moral. O conceito de pânico moral neste trabalho é baseado no trabalho de Gayle Rubin (2003), que o apresenta como o tipo mais importante de conflito sexual. Segundo ela (2003, p. 50), há momentos em que opiniões difusas sobre determinadas atividades passam a ser “orientadas no sentido de uma ação política”.

Esses episódios mobilizam o medo de grupos vulneráveis contra práticas dissidentes, baseados na mistificação da sexualidade nas sociedades ocidentais. Além disso, investem em símbolos e ideias utópicas e não em problemas reais, usando estruturas discursivas existentes para reinterpretar elementos e criar novas narrativas de vítimas.

Nesse sentido, o discurso conservador retrata o feminismo como uma ameaça às mulheres, reinterpretando as narrativas feministas para enfatizar um “verdadeiro empoderamento”, centrado no protagonismo feminino na família e na casa, ainda que ela possa ocupar outros espaços, por exemplo, na política.

---

8 Levantamento dos 20 perfis progressistas e 20 perfis conservadores, de mulheres, com maior audiência nas redes e com alguma relação com a política institucional. Ele foi realizado para a construção de um painel de acompanhamento sobre Mulheres na Política produzido pela Quid.

9 Período de monitoramento: 01/02/2023 a 20/03/2024. Fonte: <https://www.comscore.com/> (Acesso em: 27/04/2024).

10 Entende-se engajamento como a soma de ações (curtidas, comentários, compartilhamentos) recebidas nas das redes sociais.

## ENCONTROS DO PL MULHER, ACADEMIA BRASILEIRA DA DIREITA CONSERVADORA E FORMAÇÃO TEÓRICA PARA MOBILIZAÇÃO POLÍTICA

Também desde 2023, os encontros do PL Mulher surgem como mais uma estratégia. Não é novidade que legendas partidárias utilizam palestras e encontros, com o intuito de incentivar filiação. Contudo, a dedicação da extrema direita a conquistar o engajamento feminino mostra que o campo conservador está percebendo o quão significativo é este público para o cenário político atual.

Os encontros, que ficam armazenados no canal do Youtube<sup>11</sup> do Partido Liberal, contam com a participação de figuras políticas femininas e conservadoras, lideradas por Michelle Bolsonaro. Nos discursos, o feminismo é abordado, com ênfase no empoderamento feminino sob uma ótica conservadora, destacando que mulheres conservadoras seriam “femininas”, não feministas. Essa retórica aparece, por exemplo, na fala de Michelle Bolsonaro, durante encontro do PL Mulher em Mato Grosso do Sul, no dia 24 de fevereiro de 2024:

Quem compete com homem aqui são mulheres feministas. Nós somos mulheres femininas! Ela cuida do lar, ela serve a igreja, a sociedade, ela escova o cabelo, ela tem tempo para colocar cílios, ela faz as unhas, ela é cheirosa. Maridos, valorizem as suas esposas. Olha que mulherada linda (Bolsonaro, 2024)<sup>12</sup>.

O trecho acima expõe como essa diferenciação entre femininas e feministas se baseia na apropriação e defesa de estereótipos e papéis sociais vinculados ao que historicamente se espera das mulheres. Além disso, ela se fundamenta também na adoção de uma postura conciliatória com o sexo oposto, sem optar por um confronto direto com os homens e sem desqualificá-los: “Vamos unir forças para deixarmos o legado para os nossos filhos. Nós não queremos competir com os homens. Nós apenas queremos ajudá-los. Nós queremos somar com ideias, queremos compartilhar” (Bolsonaro, 2024).

No mesmo evento, Michelle Bolsonaro defende uma atuação política baseada no “olhar especial que a mulher tem”, rejeitando a visão feminista e o que chama de “estereótipo estranho”. As conservadoras argumentam que as ideologias de gênero e do feminismo são prejudiciais para a estrutura tradicional, afetando principalmente famílias, crianças e adolescentes. São contra

---

11 [https://www.youtube.com/watch?v=I\\_wllhd87Pg&list=PLhDLHayd-vqSHmcfMGZfieDHy8ft-mb4v](https://www.youtube.com/watch?v=I_wllhd87Pg&list=PLhDLHayd-vqSHmcfMGZfieDHy8ft-mb4v). (Acesso em: 27/03/2024).

12 <https://www.youtube.com/watch?v=adtQdN7W7Po>. (Acesso em: 27/03/2024)

a ideologia de gênero<sup>13</sup> nas escolas e o que consideram “designação do sexo nos adolescentes”, conforme destacado por Simone Queiroga durante um encontro do partido<sup>14</sup>. Frequentemente associam tais ideologias à esquerda, especialmente ao Partido dos Trabalhadores que, segundo Michelle Bolsonaro, busca implementar ideologia de gênero e “erotizar nossas crianças”.<sup>15</sup>

Contudo, chama atenção como os discursos não negam problemas apontados pelo movimento feminista, como a violência política. Nesse sentido, não excluem as dificuldades atreladas à condição de ser mulher, como o machismo e a violência, para ressaltar a importância de se empoderar:

A mulher quando entra na política é muito diferente do homem, ela sofre violência política todos os dias. Quando eles não conseguem atacar nossa honra, eles vêm no nosso bem mais precioso, que são nossos filhos. Mas pode atirar pedra que eu vou fazendo um caminho maravilhoso, vou pavimentando para várias mulheres aqui passarem (Bolsonaro, 2024)<sup>16</sup>.

Para reforçar a unidade dos valores conservadores, o partido ainda investe na educação da sua base através da Academia de Direita, site<sup>17</sup> que educa eleitores, militantes e potenciais lideranças. Na descrição sobre a Academia, o PL já deixa claro os seus valores e como a troca de conhecimento pode ser amigável. A estratégia inclui uma experiência de visualização envolvente, com layout inspirado em serviços de streaming. Para o PL Mulher, as cores são delicadas, remetendo ao universo que consideram como feminino. Políticos conservadores de destaque, como Nikolas Ferreira<sup>18</sup>, por exemplo, já utilizam esse formato de treinamentos para a base envolvendo, inclusive, monetização.

---

13 Em seu trabalho, Trotti e Lowenkron (2023) apresentam referências que trazem um panorama sobre a origem da expressão “ideologia de gênero”.

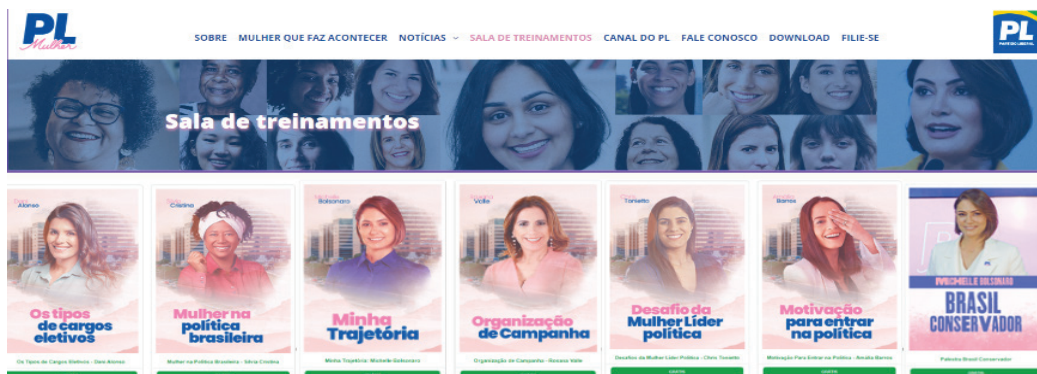
14 [https://www.youtube.com/watch?v=u07ou\\_PbiKo](https://www.youtube.com/watch?v=u07ou_PbiKo). (Acesso em: 12/02/2024)

15 <https://www.youtube.com/watch?v=adtQdN7W7Po>. (Acesso em: 27/03/2024).

16 BOLSONARO, Michelle. Discurso no Encontro Estadual do PL Mulher - Espírito Santo. Evento Encontro Estadual do PL Mulher no Espírito Santo, Vitória. 11 de outubro de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zpfYZ9-xBc8>. (Acesso em: 12/02/2024)

17 <https://academiadireita.com.br/inicio/>. (Acesso em: 12/02/2024)

18 <https://www.nikolasferreira.com/patrono/>. (Acesso em: 12/02/2024)



**Figura 1.** PL Mulher. Área de treinamentos. 2024. Disponível em: <https://academiadadireita.com.br/pl-mulher/> (Acesso em: 15/04/2024)

A extrema direita vem se destacando e conquistando lugares importantes na guerra de comunicação travada com a esquerda, nas redes sociais. Em um primeiro momento, a característica mais evidente foi a simplificação da produção de conteúdo e linguagem, sem uma preocupação com formatos. Atualmente, percebe-se uma clareza sobre o uso de recursos e plataformas digitais de maneira mais consciente.

No site da Academia da Direita Conservadora, são ofertados cursos (vídeo-aulas), divididos em cinco categorias, incluindo uma para a ala feminina do partido, o PL Mulher. Dentro do site do PL Mulher, existe um link direto para os cursos da Academia, intitulado: Sala de Treinamentos. Assim como nos *streamings*, para ter acesso aos cursos é necessário um cadastro, mas sem precisar de pagamento. Ainda, é necessário 100% de visualização em cada conteúdo para progredir e ter acesso a outras aulas, fidelizando a audiência.

Embora os títulos dos cursos evitem referências diretas ao feminismo, os conteúdos incluem narrativas contrárias ao feminismo, frequentemente validadas por argumentos religiosos e sensacionalistas para ressaltar o pânico moral, como no exemplo de uma fala da deputada federal Chris Tonietto (PL-RJ):

O que sempre me moveu foi a causa pró vida, a luta contra o aborto, a luta contra a ideologia de gênero. Eu costumo dizer que existe um pacote de satanás chamado cultura da morte. E o que pertence a esse pacote de satanás, por exemplo, essa cultura da morte? Ideologia de gênero, do aborto, a própria questão das drogas. Tudo isso faz parte de um processo de morte. Por exemplo, o aborto fere o direito natural mais basilar...a ideologia de gênero afronta a família secular, mater da sociedade, sem o qual se quer a sociedade existiria (Tonietto apud Academia Brasileira de Política Conservadora).

As redes sociais também fazem parte da estratégia do partido: o PL está presente no Facebook e no Instagram em perfis exclusivos para o público feminino. O Facebook conta com 5,6 mil seguidores e não é atualizado desde dezembro de 2023. Já o Instagram possui 110,5 mil seguidores e vem passando por transformações ao longo do último ano<sup>19</sup>.

Como os esforços do PL Mulher são direcionados para o Instagram, o foco da análise será para esta rede. Do início de 2023 a março de 2024, o perfil aumentou seu número de seguidores em cerca de 105%, com picos de crescimento em março de 2023, após Michelle assumir a presidência da ala feminina do partido.

O Instagram do PL Mulher passou por uma mudança de foco com Michelle Bolsonaro como presidente, destacando seu rosto em grande parte das publicações para dar ênfase ao seu protagonismo. O perfil evita temas de pânico social ligados ao feminismo, preferindo abordar causas como acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência, embora ocasionalmente discuta temas feministas, especialmente relacionados à defesa das crianças, como o aborto.

A maternidade também aparece em um discurso de empoderamento feminino, dentro do perfil. Entretanto, é comum um formato de romantização:

Elas dão conta de tudo e de um pouco mais. Algo é humanamente impossível? Bota uma mãe para resolver, pra vê se não sai?! Se tem uma coisa que mãe sabe fazer, é dar conta de tudo. Conta dos filhos, conta da casa, conta do trabalho, conta de liderar e transformar a vida da população! (Partido Liberal, 2024)<sup>20</sup>.

É perceptível o esforço do perfil em navegar em estratégias que são consideradas importantes no Instagram, tanto no objetivo de alcançar mais pessoas como também de otimizar o conteúdo para que esteja de acordo também com a lógica algorítmica: posts em colaboração com outros perfis (*collabs*), aproveitamento de formatos virais (*trends*) e trechos recortados de aparições em podcasts são frequentemente utilizados.

O partido também aposta em curiosidades sobre o casal Bolsonaro e brincadeiras entre Michelle Bolsonaro e outras figuras, ampliando a relação com os seguidores para além da comunicação política mais formal, convidando outras personalidades famosas da extrema direita.

---

19 Fonte: <https://www.comscore.com>. (Acesso em: 15/03/2024)

20 PL NACIONAL. Amor Incondicional, 14 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CsOULKdMkRx> (Acesso em: 17/03/2024).

Além de Michelle Bolsonaro como a voz principal do PL Mulher, outras parlamentares do partido também se destacam, como a deputada estadual pelo estado de Santa Catarina Ana Campagnolo. Ela se apresenta como a autora da primeira obra antifeminista a ser publicada no Brasil: “Feminismo: Perversão e Subversão”, publicada pela Vide Editorial. Sua estratégia política inclui a divulgação de pensamentos conservadores focados em mulheres, por meio de veículos diversos.

Campagnolo aposta em plataformas educativas de formação teórica, incluindo a Livraria Campagnolo<sup>21</sup>, criada pela parlamentar, para ofertar obras conservadoras. Entre os títulos da biblioteca, ela mesma é autora de vários como “O mínimo sobre feminismo” e “Guia de bolso contra mentiras feministas”, deixando claro o seu compromisso em desacreditar o movimento. Além da opção por temas estratégicos para o conservadorismo brasileiro, há ainda na biblioteca os kits do “Clube Campagnolo” (com seleções feitas por ela com obras que são vendidas em conjunto) e indicação de autores considerados mentores, como Roger Scruton. Vale destacar que a seção destinada ao “Conservadorismo” apresenta 41 livros avulsos e 33 kits.

Os cursos on-line, também são uma estratégia da deputada. São divulgados por meio de suas contas oficiais., incluindo o projeto “Videoteca Campagnolo”<sup>22</sup>, sediado na plataforma digital Cursology, com assinaturas a partir de R\$19,90. A deputada desenvolve cursos desse tipo há anos, afirmando já ter alcançado mais de 15 mil alunos, de acordo com texto de apresentação da própria plataforma.

Chama atenção como o campo conservador tem investido nessas estratégias de educação política a partir da produção de conteúdo, simulando plataformas de ensino e de streaming, mostrando atenção aos formatos atuais de consumo. Para além da iniciativa de Campagnolo, há outras ativas nas redes, como os conteúdos do Brasil Paralelo e da Epoch Times TV. Por outro lado, não se observa essa estratégia no campo progressista.

Além das ações de formação teórica voltadas para o ambiente digital, Ana Campagnolo também aposta na realização de eventos presenciais, como o 1º Congresso Antifeminista de Santa Catarina, junto a outras mulheres conservadoras: Patthy Silva, Pietra Bertolazzi e Cris Corrêa.

É importante destacar que Campagnolo organizou o evento em um lugar público, no auditório Antonieta de Barros da Assembleia Legislativa de Santa Catarina em 8 de março de 2024, Dia Internacional da Mulher, destacando Antonieta de Barros como exemplo de catarinense não feminista, que defendia valores

---

21 Ver: <https://livrariacampagnolo.com.br> (Acesso em: 15/04/2024).

22 Ver: <https://www.cursology.com.br/curso/videoteca>. (Acesso em: 15 abr. 2024).

cristãos, sendo a primeira mulher negra a ser deputada no Brasil. Além da estratégia repleta de simbolismos, ela ressalta também o papel da Igreja na criação de instituições que teriam beneficiado mulheres, como universidades cristãs, ligando sua defesa das mulheres à propagação da fé e à busca por um cristianismo aliado à igualdade de gênero.

Sua atuação presencial ainda é muito concentrada em seu estado, Santa Catarina, devido ao seu cargo estadual. Contudo, ela expande seu alcance nacionalmente através do ambiente digital, oferecendo conteúdos para formação de mulheres conservadoras alinhados às estratégias de seu partido.

### **MULHERES DO PSOL: ABORDAGEM INTERSECCIONAL COMO ESTRATÉGIA DE MOBILIZAÇÃO POLÍTICA**

Em contrapartida ao PL Mulher, tem-se a Setorial Nacional de Mulheres do PSOL<sup>23</sup>, um espaço de auto-organização das mulheres filiadas ao partido em todo território nacional, a partir das pautas feministas de mulheres trabalhadoras, negras, indígenas, ribeirinhas, PCDs, trans, lésbicas e bissexuais, criando um diálogo entre o partido, movimentos sociais e feministas. Sendo assim, a principal característica do feminismo do partido é o reconhecimento de que opressões de gênero estão intrinsecamente ligadas a outras formas de opressão, como classe social, raça, orientação sexual e identidade de gênero. Dessa maneira, ele amplia suas propostas políticas, visando justiça social em um sentido mais amplo, indo além da igualdade de gênero e do feminismo hegemônico que ignora a interseccionalidade das relações de raça/classe/sexualidade/gênero. O termo cunhado por Kimberlé Crenshaw (1989) aparece em várias diretrizes publicadas pelo partido, mostrando sua defesa da importância de uma perspectiva interseccional<sup>24</sup> (Lugones, 2020).

Ao contrário do PL, que evidencia uma coesão muito eficiente de discurso narrativo sobre a mulher feminina e não feminista, o PSOL adota o feminismo, ainda que enfrente desafios, por ser um partido com diferentes correntes. Diante da íntima relação do PSOL com o tema e desse descompasso, pode-se apontar estratégias do partido para a comunicação para o feminismo.

Das figuras notórias do partido, uma liderança que inspira forte identificação com segmentos do público é a vereadora Marielle Franco, assassinada em 14 de março de 2018, cuja defesa dos direitos humanos e foco nos problemas das

---

<sup>23</sup> <https://psol50.org.br/setoriais/mulheres-do-psol/>. (Acesso em: 12/02/2024)

<sup>24</sup> Como exemplo, ver documento que contém as Diretrizes Programáticas da Federação PSOL e Rede. Disponível em: <https://psol50.org.br/file/2022/06/DIRETRIZES-PROGRAMATICAS-FEDERACAO-PSOL-E-REDE.pdf>. (Acesso em: 26/06/2024)

mulheres a tornaram um símbolo global. Seu legado influenciou o movimento “Eu voto em Negra” nas eleições municipais de 2020, destacando questões centrais para o PSOL, a partir da sua história de vida. Como mulher negra, lésbica e moradora da Favela da Maré, tornou-se uma figura de referência para as mulheres de esquerda. Seu nome, no entanto, é alvo de difamação, evidenciando uma clara disputa narrativa e embate com a extrema direita desde antes da sua morte.

Hoje, outras representantes são fortes, como Erika Hilton ou Sâmia Bomfim, por exemplo. Entretanto, estão longe de serem figuras unificadoras para o PSOL, como Michelle Bolsonaro é para o Partido Liberal.

Em 2023, a historiadora, professora e feminista Paula Coradi foi eleita a nova presidenta do partido, com 67% dos votos dos 451 delegados e permanecerá no cargo até 2026. Contudo, ela não possui o mesmo nível de reconhecimento público que Michelle Bolsonaro, que se beneficiou de sua posição anterior como primeira-dama do país. Coradi, inclusive, enfrentou embates entre as diferentes correntes da legenda em sua nomeação.

O PSOL mantém uma estratégia de formação em algumas frentes e é um importante ponto de comparação com os formatos utilizados pela extrema direita. A primeira dessas frentes é a Escola de Formação Política Sementes de Marielle, que desde 2020 visa capacitar e educar jovens, especialmente de comunidades marginalizadas, para se tornarem agentes de mudança em seus próprios territórios, seguindo o legado de Marielle Franco.

A atuação envolve cursos e workshops através de uma variedade de tópicos relacionados à política, direitos humanos e outros temas relevantes. Atualmente, o site do Mulheres do PSOL, que divulga a Escola, oferta o “Curso de capacitação política para as pré-candidaturas de mulheres do PSOL para as Eleições Municipais de 2024” e inclui plantões de atendimento voltados para o aprendizado. O partido também realiza palestras, debates e oferece experiências práticas como estágios políticos, voluntariado em campanhas eleitorais e trabalho comunitário, além de programas de mentoria para desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes.

Em iniciativa mais recente, o PSOL lançou a plataforma “Direito ao Futuro”<sup>25</sup>, com cursos práticos sobre gestão, orçamento e políticas públicas; jurídico eleitoral; comunicação e marketing eleitoral; e contabilidade eleitoral. Os cursos, voltados para candidatos, contém videoaulas curtas e uma interface semelhante a uma plataforma de cursos, exigindo inscrição para acesso e oferecendo certificados de formação. A plataforma inclui elementos visuais como lettering para guiar o

---

25 <https://direitoaofuturo.com.br/>. (Acesso em:15/04/2024)

aprendizado e uma ementa clara. É possível também identificar no rodapé do site uma área que leva para a inscrição na Escola de Formação Política Sementes de Marielle, que não fica no mesmo site (é sediada no site Mulheres do PSOL).

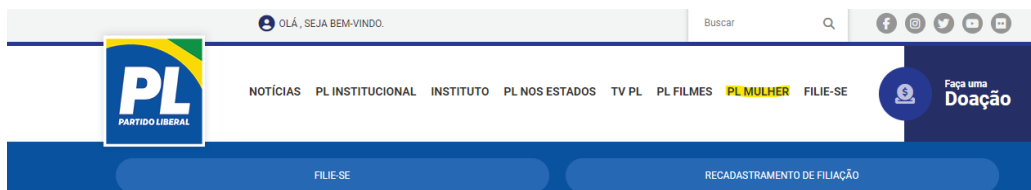


**Figura 2.** Print Screen da plataforma Direito ao Futuro. Área de Cursos. 2024. Disponível em: <https://direitoaofuturo.com.br/cursos> (Acesso em: 15/04/2024)

A plataforma “Direito ao Futuro” busca unificar a educação digital do partido, mas há uma falta de integração prática entre o PSOL e seus programas de formação. Ao comparar os cabeçalhos dos sites do PSOL e do PL, nota-se que o PSOL não possui uma seção dedicada para arquivamento de cursos ou palestras, ao contrário da Academia Conservadora do PL e do PL Mulher. A “Direito ao Futuro” é apresentada como um banner temporário que direciona para uma plataforma de cursos fora do site principal do PSOL, com uma interface diferente do Mulheres do PSOL, causando uma sensação de descentralização e dificultando a percepção de unidade entre as iniciativas educacionais do partido.



**Figura 11.** Print Screen da plataforma do PSOL, 2024. Disponível em: <https://psol50.org.br> (Acesso em: 15/04/2024)



**Figura 3.** Print Screen da plataforma do PL, 2024. Disponível em: <https://partidoliberal.org.br> (Acesso em: 15/04/2024)

Nas interfaces da ala feminina, tanto do Mulheres do PSOL quanto do PL Mulher, há uma identificação sobre educação e formação política. No primeiro, entretanto, essa área é uma inscrição para um curso que ainda acontecerá, não existe material já disponível para consumo imediato e nem um link que leve para a plataforma “Direito ao Futuro”.



**Figura 4.** Print Screen da plataforma Mulheres do PSOL, 2024. Disponível em: <https://mulheresdopsol.org.br> (Acesso em: 15/04/2024)



**Figura 5.** Print Screen da plataforma do PL Mulher, 2024. Disponível em: <https://plmulher.org.br> (Acesso em: 15/04/2024)

Como já foi evidenciado, uma forte estratégia do PL para a filiação de mulheres e propagação de discursos conservadores são os encontros frequentes, realizados em todos os estados. Não foi possível identificar estratégia similar com alta frequência no PSOL. Os congressos nacionais, bienais, do PSOL focam na eleição de direções partidárias, aprovação de resoluções e outros assuntos internos, não servindo como eventos frequentes de engajamento externo. Até mesmo no Instagram do Mulheres do PSOL, os destaques mostram principalmente atividades internas ou participação em atos não organizados pelo partido.

Também como estratégia digital, as redes sociais são um espaço importante, em que a capacidade de popularização das estratégias feministas pode ser ampliada. A ala feminina do PSOL está presente em mais plataformas que o PL Mulher: Facebook (16 mil seguidores), Instagram (21 mil seguidores), X (596 seguidores) e

Youtube (18 inscritos)<sup>26</sup>. Para efeitos comparativos, o Instagram foi a rede escolhida para a observação estratégica e narrativa, já que é nela que o PL se destaca. Além disso, é a rede que se destaca em desempenho entre os perfis do Mulheres do PSOL.

O Instagram do Mulheres do PSOL<sup>27</sup> é a plataforma mais popular entre as específicas para mulheres no partido, trazendo em seus destaques pautas como a legalização do aborto e o caso Marielle Franco, temas frequentemente associados ao pânico moral para a população média e que entra em confronto direto com as pautas da extrema direita. As melhores performances<sup>28</sup> do perfil envolvem Marielle Franco, ataques diretos ao Bolsonaro, uso de *trends* e falas da deputada Erika Hilton ou da deputada Sâmia Bomfim. A estratégia é conectar diversas pautas com o feminismo, como o autismo e racismo ambiental, por exemplo.

O que é relevante apontar é o pouco uso do recurso de “*collab*” disponibilizado nesta rede, que poderia unir os públicos das figuras fortes do PSOL, atraindo-os também para o perfil oficial do partido. As publicações trazem, em geral, o endereço da pessoa que está em destaque, mas essa estratégia apenas dá visibilidade a esses nomes, sem possibilitar o intercâmbio entre os públicos dos diferentes perfis, algo muito comum na estratégia digital do Partido Liberal.

Erika Hilton é um nome do PSOL que tem se destacado nas redes sociais: ela saiu de 532 mil para 2 milhões e 110 mil seguidores, aproximadamente, entre 01 de janeiro de 2023 e 01 de março de 2024<sup>29</sup>. Sua audiência cresceu cerca de 296% no período, um reflexo de suas estratégias digitais e da visibilidade ainda maior que ganhou ao se tornar Deputada Federal. A parlamentar possui uma visão sobre a política que contraria o senso comum de que o político está apenas em espaços institucionais, como o Congresso.

Em diversas falas, Erika Hilton ressalta seu interesse em trazer para perto pessoas que estão distantes da política, pautando a ideia de que a vida de cada uma delas é política. Por exemplo, em um post intitulado “UMA OUTRA POLÍTICA É POSSÍVEL”<sup>30</sup>, ela defende que, historicamente, a política foi construída de forma a excluir parcelas da população das esferas de decisão:

---

26 Fonte: <https://www.comscore.com/> (Acesso em: 24/04/2024)

27 <https://www.instagram.com/mulheresdopsol> (Acesso em: 24/04/2024)

28 Fonte: <https://www.fanpagekarma.com/>. Dado inferido pela comparação de engajamento (comentários, likes, compartilhamentos). Período: 25/01/2024 a 25/04/2024. (Acesso em: 25/04/2024)

29 Período de monitoramento: 01/01/2023 a 01/03/2024. Fonte: <https://www.comscore.com/> (Acesso em: 27/04/2024).

30 [https://www.instagram.com/reel/C4iQ\\_Gng3mP](https://www.instagram.com/reel/C4iQ_Gng3mP) (Acesso em: 24/03/2024)

Eu tenho trabalhado arduamente para que as pessoas entendam que a política é a vida delas, isso eu tenho feito e tenho tentado trazer cada vez mais a comunidade. As pessoas que sempre foram distanciadas da política para que elas percebam: política não é gabinete, política não é mandato, política não é o parlamento apenas. Política é a vida, é o dia, é o bairro, é o transporte, é a educação, é a saúde, é o direito ao nome, a cidadania, ao reconhecimento dos seus direitos, a não violência... isso é política e você precisa brigar por isso, tendo você ou não um mandato. Você precisa entender quais são os limites, aonde recorrer, em quem votar, porque votar, como acompanhar (Hilton, 2024)<sup>31</sup>.

A deputada trabalha com uma espécie de dicotomia, chamando de “velha guarda” quem reduz a política à esfera institucional, defendendo que essas pessoas estão presas “à velha forma de fazer política”<sup>32</sup>. Em contraposição a isso, ela afirma que possui “como função e propósito tornar a política pop”.

Sua forma de fazer política para pessoas que foram excluídas devido a problemas estruturais: a população negra e a comunidade LGBTQIAPN+, por exemplo. Nesse sentido, seu público são as pessoas da “vida real”, que sofrem com as piores mazelas e que possuem dificuldade de entender que a política também é para elas. Nas redes sociais, ela aplica essa estratégia a partir da construção de um perfil que se diferencia do que é tradicional em contas de figuras políticas: as publicações não se resumem a notícias sobre seu mandato ou vídeos de seus discursos em espaços institucionais.

Além dos posts focados na política institucional, ela também aparece em capas de revista, como atração de podcasts variados, em fotos exibindo seu estilo, incorporando cantoras famosas como Beyoncé (com quem costuma ser muito comparada, pela semelhança física) e em momentos descontraídos com família, namorado e amigos. Outro aspecto que chama atenção é sua habilidade em aproveitar momentos chave da conjuntura para conquistar novos segmentos da audiência, por exemplo, quando trouxe a pauta de defesa dos direitos do consumidor durante a venda de ingressos para a turnê de Taylor Swift no Brasil<sup>33</sup>.

---

31 Trecho retirado de sua participação no podcast “De Fora Pra Dentro”, postado em seu perfil no dia 15 de março de 2024 [Vídeo]. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C4iQ\\_Gng3mP](https://www.instagram.com/p/C4iQ_Gng3mP) (Acesso em: 24/03/2024)

32 Consultar trechos da sua participação no podcast “Quem Conta Um Conto”. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C2I5lLLgpc9> (Acesso em: 24/03/2024).

33 <https://oglobo.globo.com/economia/defesa-do-consumidor/noticia/2023/06/taylor-swift-deputada-erika-hilton-pediu-a-ministerio-publico-para-investigar-venda-de-ingressos.ghtml> (Acesso em: 24/03/2024).

Na internet, os seus apoiadores demonstram apoio e admiração em forma de bordões e memes, como “Jamais tolerarei” e “Deputada Erika resolverá isso”, que surgiram a partir do engajamento de sua audiência. Cabe destacar que Hilton costuma participar das brincadeiras feitas pelos seus apoiadores. A relação deles com ela lembra a de um fã com seu objeto de idolatria. Tornou-se comum encontrar comentários que a chamam de “minha presidenta”, mostrando a expectativa deles a respeito de seus próximos passos na política.

No entanto, quando se volta à análise para suas colaborações com perfis cujo público extrapola o perfil de sua base de apoio, nota-se que ela ainda enfrenta forte rejeição, especialmente, por ataques que rejeitam sua legitimidade em representar as mulheres. Um exemplo foi uma publicação<sup>34</sup> que noticiou sua presença na capa da revista *Ela*, do *Jornal O Globo*, em celebração ao dia 08 de março de 2024. Enquanto Erika Hilton defendia uma perspectiva de feminismo plural, capaz de trazer união e abarcar diferentes pautas, ela foi alvo de comentários transfóbicos, que demonstravam rejeição ao protagonismo que ganhou na data.

Quando afirma que uma “outra política é possível”, Hilton projeta um futuro que seria concretizado a partir de conscientização e luta, argumentando que o cenário de exclusão na política pode ser transformado. Apesar dos desafios que enfrenta, a parlamentar parece ser uma figura que poderia ser impulsionada com o objetivo de aglutinar o público em torno dos ideais de seu partido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, nota-se que o Partido Liberal possui uma estratégia estruturada e incisiva quando se trata do objetivo de atrair a participação política de mulheres, a partir de seu setorial dedicado a elas. O PL Mulher é liderado por Michelle Bolsonaro, que traz seu capital político para o projeto, sendo a principal porta-voz dessa visão do que é ser mulher e do feminino segundo a ótica conservadora da legenda. Devido a isso, ela aparece com destaque em publicações do perfil do partido nas redes, participa de programas eleitorais televisivos e faz discursos durante os inúmeros eventos da ala, que acontecem em diferentes estados do Brasil de forma frequente, atraindo um público expressivo.

O partido investe também na formação de seus apoiadores, apresentando iniciativas como a Academia Conservadora, que possui conteúdos sobre mulheres na política e traz outras figuras políticas como Silvia Cristina (RO-PL). Suas lideranças também desenvolvem carreira solo na produção de conteúdo, apostando

---

34 <https://www.instagram.com/p/C4DLsmrOgD5/> (Acesso em: 24/03/2024).

no uso de plataformas digitais para angariar novos seguidores e espalhar seus princípios reacionários. É o caso de Ana Campagnolo (PL-SC), que atua em diferentes frentes, apostando em produtos que variam de livros até videoaulas.

Assim, observa-se como a legenda está desenvolvendo mecanismos para atrair mulheres para a política, buscando oferecer contrapontos a um ideário associado à esquerda com o qual elas poderiam se identificar. Do lado progressista, as iniciativas são mais dispersas, sem uma figura unificadora como a ex-primeira-dama. Apesar do partido oferecer uma plataforma de cursos, nota-se que eles são mais práticos e objetivos, voltados para quem está na corrida eleitoral. Chamou atenção também como não há um foco em mulheres, sem conteúdos dedicados a temáticas caras à participação feminina na política.

Notou-se que a atuação digital de Erika Hilton está se destacando entre os nomes do PSOL. Em 2024, ela assumiu a liderança do partido na Câmara, sendo indicada com unanimidade e quebrando mais um recorde: a primeira pessoa trans a comandar uma bancada na casa legislativa<sup>35</sup>. Sua estratégia nas redes chama atenção, especialmente, na relação que constrói com o público jovem e progressista, bem como com os grupos alinhados a suas pautas principais. Mas, sua presença em espaços mais amplos ainda é recebida com hostilidade, o que gera um desafio para que ela se torne uma figura unificadora.

Além disso, a visão comparativa entre os campos permitiu a observação da disputa narrativa envolvida nos significados de diversos aspectos importantes para a discussão sobre gênero, como feminismo, o que é ser mulher e os papéis sociais. Analisando conteúdos distribuídos por bolsonaristas no ambiente digital, Cesarino (2020) indicou como a estratégia da extrema direita envolvia uma apropriação de expressões do campo adversário, realizando um trabalho de inversão dos enunciados. Por exemplo, ela apresenta um *print* em que uma das peças traz o slogan: “Lute como uma garota”, acompanhado de fotos de parlamentares conservadoras e antifeministas como Carla Zambelli.

Quando examinamos os discursos de representantes do PL Mulher, percebe-se a reprodução dessa tática quando se trata de termos caros ao feminismo, muito propagados pela esquerda. É o caso do empoderamento que, por exemplo, é esvaziado do seu conteúdo de questionamento do *status quo* e da situação desigual vivida por mulheres, para se transformar em um novo significante, alinhado aos princípios da extrema direita.

---

35 [https://cultura.uol.com.br/noticias/64529\\_deputada-erika-hilton-se-torna-primeira-mulher-trans-da-historia-a-comandar-bancada-no-congresso.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/64529_deputada-erika-hilton-se-torna-primeira-mulher-trans-da-historia-a-comandar-bancada-no-congresso.html). (Acesso em:24/03/2024)

Nesse sentido, é importante ressaltar como as mulheres têm sido uma parcela do eleitorado muito disputada pelos atores políticos, de diferentes posicionamentos no espectro ideológico. Todavia, quando fazemos uma análise comparativa, nota-se que eles adotam estratégias distintas, que informam sobre outros embates na arena pública, por exemplo, conceitos centrais para o feminismo como o que significa ser mulher.

No que diz respeito ao conteúdo da análise, há uma limitação do artigo em relação ao tamanho da amostra utilizada, que pode ser considerada reduzida. Entretanto, acreditamos que tais limitações não afetam a discussão proposta neste artigo, deixando espaço para futuras análises do tema, que englobem outras pautas e plataformas comunicacionais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE POLÍTICA CONSERVADORA. *Palestra “Desafio da Mulher Líder Política”*. Disponível em: <https://academiadadireita.com.br/>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- BERNARDES, Cristiane Brum; FONTES, Giulia Sbaraini; SARMENTO, Rayza (2023). Discursos de deputadas federais sobre mulheres: espaço institucional e mídias sociais. *Revista Estudos Feministas*, Seção Temática Feminismos: atuação em rede, crise democrática e possibilidades futuras, v. 31, n. 2, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cNxMNhtGbpPDNMtJbMyVCsy/>. Acesso em: 12 fev. 2024.
- BIROLI, Flávia; MACHADO, Maria das Dores Campos; VAGGIONE, Juan Marco (2020). *Gênero, neoconservadorismo e democracia*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CESARINO, Leticia (2020). Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, v. 1, n. 1, 2020, p. 91-120. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleicao-sem-sair-de-casa.pdf>. Acesso: 15 jan. 2024.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos feministas*, pp. 171-188, Ano 10, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>. Acesso: 15 jan. 2024.
- GATTO, Malu; THOMÉ, Débora. *+Representatividade: relatório*. São Paulo: Instituto Update, 2024.
- LUGONES, María. “Colonialidade e gênero”. In: HOLANDA, H. B. de. *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020. p. 56-91.

- MILLER-IDRISS, Cynthia; PILKINGTON, Hilary (2019). *Gender and the Radical and Extreme Right*. Routledge, 2019.
- PEDREIRA, Beatriz Della Costa; ROCHA, Camila; SOLANO; Esther (Orgs) (2022). *Feminismo em disputa: um estudo sobre o imaginário político das mulheres brasileiras*. 1. ed. São Paulo: Boitempo: Instituto Update, 2022.
- ROQUE, Isabel. Organização da classe trabalhadora digital em Portugal durante a pandemia de Covid-19. *Sociedade e Estado*, v. 38, n. 1, jan-abril 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/vFFqxDGN49dfpMBHNp8FFD/?lang=en#>. Acesso em: 27 jun. 2024.
- RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade. *Cadernos Pagu*, São Paulo, v. 21, pp. 01 - 81, 2003. Disponível em: <https://encr.pw/Xu7Qo>. Acesso em: 12/02/2024.
- SCOTT, Joan. “Gênero: Uma categoria útil para análise histórica.” Tradução (para o português) de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1991.
- SOLANO, Esther; ROCHA; Camila, SENDRETTI, Lilian. MULHERES DE EXTREMA-DIREITA: empoderamento feminino e valorização moral da mulher. *Caderno CRH*, Salvador, v. 36, p. 1-16, e02304, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/55443>. Acesso: 15 jan. 2024.
- TOTTI, Bárbara Araújo; LOWENKRON, Laura (2023). Pânicos morais, sexualidade e infância: A fabricação do “kit gay” como artefato político na disputa presidencial de 2018 a partir da rede social Twitter. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 39, p. 1-25, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/vFFqxDGN49dfpMBHNp8FFD/?lang=en#>. Acesso em: 12 fev. 2024.